O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis— Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 114 | **TERÇA-FEIRA 5 DE AGOSTO DE 1862** | **SEGUNDO ANNO**

AVEIRO

FRANQUEZA

Devemos lealdade ao governo porque sustentamos a sua politica desinteressadamente.

Não cremos que seja *o melhor dos governos possiveis*, mas cremos que é o governo da actualidade e não vemos situação, que possa convenientemente substituir-se-lhe agora. Estamos d'accordo nos principios geraes, que lhe servem de guia. Continuação energica dos melhoramentos de viação; modificação dos direitos das alfandegas, caminhando com passo lento, mas seguro, na estrada do commercio livre; desenvolvimento e aproveitamento dos recursos que nos podem fornecer as nossas, ainda vastas, colonias; emprego de todas as intelligencias e capacidades para o serviço publico, sem distinção de partido. E que o clero se não intrometta como *status in statu* nas cousas publicas; que aos reaccionarios, aos que se servem da religião para conseguir os seus fins, *todos mundanos*, chegue a represão legal; que se lhes não tolerem demasias.

Tudo isto se pode fazer e cremos que o governo o deseja fazer. E' por isso que o apoiamos. Bem vemos que muito mais podia e devia mesmo fazer.

Não negaremos o nosso apoio a outra situação d'iniciativa mais energica, e que se abalance a maiores commettimentos. Ao que sempre faremos opposição, é ao nepotismo faccioso e descarado, ao reinado das nullidades servidas por velhacos.

Desenvolvendo, porem, o seu programma, muito resta ainda ao governo que fazer. Com as questões de viação e de outros quaesquer melhoramentos está estreitamente ligada a nossa situação financeira, que tem occupado e que ocupará todas as situações. Não se illuda o governo com os resultados da operação que acaba de realisar em Londres com bastante felicidade.

Vive-se assim algum anno, mas depois renascem as difficuldades — esta vida d'expediente tem esse grande inconveniente. — E quando depois se manifesta uma crise monetaria em qualquer dos grandes mercados monetarios da Europa, os embaraços podem tornar-se insuperaveis para nós.

E' necessario por tanto organisar diffinitivamente as nossas finanças, contando com os nossos proprios recursos, lançando alguma cousa á conta do augmento provavel dos nossos rendimentos devido aos melhoramentos já realisados, e aos que estão em via de se realisarem. Mas não nos aventuremos demasiadamente. Esses castellos de cifras dos nossos financeiros causam-nos algum sobresalto, porque accreditamos pouco nas suas estatisticas.

O governo que se apresenta como legitimo representante das tradicções do *velho partido progressista*, não deverá nunca esquecer que um dos artigos do seu credo financeiro, era a economia nas despezas publicas.

E' contra os desperdicios que se ergueram as primeiras vozes da opposição em 1834 e em 1846, todo o paiz se pronunciou solemnemente nesse sentido.

Não devemos esquecer estas lições, os historicos principalmente. Arguiram a regeneração d'esbanjar a fazenda publica e aguiram-na talvez com razão, porque o paiz que lhe deve bons serviços em outros ramos, não recebeu della nessa parte os melhores exemplos.

Muitos centos de contos de reis se tem desperdiçado e continuam a desperdiçar lançando-os n'uma terrivel vorajem. Temos vergonha até d'apontar os exemplos que todos os dias temos deante dos olhos.

Theatros luxuosos, exposição de Londres, viagens soi-disant scientificas, tribunecas inuteis, secretarias do *grande imperio* e sobretudo exercito sem soldados absorvem annualmente muitos centos de contos de reis sem utilidade alguma. E' necessario ter a corajem de cravar um prego de bronze nesta roda. Não somos apostolos do obscurantismo, mas *est modus in rebus*, tudo tem limites rasoaveis; é necessario não os ultrapassar.

O sr. ministro da fazenda tem incontestavel merecimento e energia.

Esperamos que olhe seriamente pelo nosso estado.

Agora que a França se não envergonha de reduzir ás suas despezas, não devemos nós augmentar as nossas indefinidamente. Parece incrivel que quando todo o paiz sabe que temos officiaes para um exercito muito superior á força effectiva do nosso, se esteja constantemente a augmentar o quadro já tão crescido dos nossos officiaes superiores; que constantemente se estejam dando pensões ás viuvas dos que morrem fóra do combate, e se melhorem as reformas d'outras, e tudo *por favor*.

Ha outras muitas classes de servidores do estado que deixam orphãos e viuvas ao desamparo, e ninguem se lembra d'isso a não ser por occasião d'algum serviço relevante.

E' uma iniquidade, uma injustiça revoltante.

Porque se não hão de pois fixar os quadros definitivamente — não dar por incapazes senão aquelles que realmente o estiverem, e sobreestar entretanto nas promoções?

Não acontece assim com a magistratura?

Não se envergonhe o ministerio de hastear a bandeira das economias; mas faça-o sincera e lealmente. Bem vemos que ha abusos antigos, que é difficil destruir de prompto. O dever do governo é tomar a iniciativa, as camaras não lhe negarão o apoio; a dos deputados especialmente. E se lh'o negar, recorra o governo ao paiz, que seguramente lhe dará o seu.

Não se envergonhe de tractar d'estas *mesquinharias*. Bem sabemos que só com economias se não arranjam em um anno dez mil contos. Mas pratica-se em todo o caso um grande acto de justiça, e mostra-se ao paiz que ha sincero desejo de cuidar dos seus interesses. Depois se o governo carecer de novos sacrificios, ninguem lh'os negará.

Amigos redactores

Li hoje o vosso *Districto* de 29 de julho, e depois que jantei, o excessivo calor, que faz, tornou-me esta hora do chylo (como lhe chamavam *engraçadamente os jesuitas*) tão aborrida, que me lembrou, para distracção, dizer-vos o que sei como explicação do acontecido ao pão da mulher de Angeja.

E começarei por vos dizer que póde ser verdade o que a mulher conta. Cazos se tem dado também de encontrar as particulas como pintadas com sangue. Este phenomeno, tido como milagre, foi sempre explicado por alguns padres ignorantes ou malvados, como signal de desacato sacrilego ás sagradas formas eucharisticas, e nos tempos em que foi moda perseguir os judeus, bastantes pessoas foram victimas de taes prejuizos; porque os tartufos sagrados nunca pozeram duvida em accender qualquer desejo para satisfazer um calculo de interesse.

Perdoem-me aquelles a quem a carapuça for incommoda; mas não é com aquelles excessos, nem com a propaganda de taes milagres que a religião se torna mais verdadeira, nem mais respeitada; nem aquellas metamorphoses materiaes que se patenteam pelas pintas apparentes de sangue no pão, e nas particulas dão testemunho dos seus mysterios; porque os mysterios acreditam-se, mas não podem provar-se materialmente nem por meios tão ridiculos.

O facto, pois, de apparecer nas particulas, e no pão, dadas certas circumstancias, umas manchas que simulam ser de sangue — é verdadeiro. O vulgo ignorante, como lhe custa menos a crer que a pensar, via sempre nisto como em tudo que o surprehende um milagre, como o padre de Angeja parece ter visto na brôa da tal mulher de que trata a vossa local: porem os homens que amam a sciencia indagando os factos narrados, que tanto barulho faziam, procuraram conhecer o phenomeno, e estudar as causas que o produziam para o explicar. Desde então todo o romanesco das pintas de sangue passou para a historia, porque o maravilhoso do phenomeno das taes nodoas vermelhas apparecidas algumas vezes nas particulas, e no pão desapparecen como as nubeculas da manhã ao raiar do sol.

A sciencia arrostando toda essa milagraria estupida dos tartufos diz hoje «que todas as vezes que a fecula e assucar (a farinha por exemplo) se conservam misturados por algum tempo em certa obscuridade e dados certos gráos de humidade e calor, dão origem a uma vegetação especial que se manifesta por plantas *cryptogamicas* de côr rubra ás quaes é devido o phenomeno de que se trata. Estas plantas são, para melhor me fazer entender, uma especie de cogumello, tortulho, bolor, ou como lhe queiram chamar, muito visiveis com o microscopio.

Um chimico francez estudando todas as circumstancias que davam apparecimento ao phenomeno requereu e obteve do seu governo um privilegio para fazer os taes alludidos milagres *em grande*, applicando a côr obtida á tinturaria de diversos tecidos.

Hoje pois a industria tintureira tira partido d'aquella côr que antes se tinha como produzida por um milagre! Mas para que os incredulos desta verdade não se incommodem em ir tão longe desenganar-se, mostrar-lhe-hei o mesmo phenomeno ao pé da porta: Observae alguns canoilos de milho dos mais corpulentos e que estejam já quasi seccos, e encontrareis em muitos n'aquelle sabugo medular que os constitue a côr vermelha em pintas, ou estrias aqui e além. O mesmo se dá algumas vezes no tecido espongioso contido dentro do chamado caroço da espiga, e mais vezes ainda na canna do *holcus sorghum de Linneo* ou milho das vassouras.

Estes tecidos vegetaes contem assucar e fecula e alguma humidade como continha a brôa da mulher de Angeja, e dando-se as circumstancias especiaes para aquella especie de fermentação que faz desenvolver o tal bolor vermelho, a côr rubra apparece, e eis assim explicado naturalmente o phenomeno do apparecimento das pintas do sangue — como é na verdade — sem alegorias nem maravilhoso.

Não quero eu com isto dizer que se não guardem os domingos, não; a mulher de Angeja, como todas as pessoas que trabalham o devem guardar; por que a religião o manda, e a boa hygiene o recommenda — O domingo é um dia santificado, para se descansar dos fadigas da vida: mas o que quero dizer é que o facto alludido, a ser verdadeiro, não é novo nem extraordinario; e que tem uma explicação muito natural, e já é muito sabido.

Braga 2 d'agosto de 1862.

Vosso amigo.

Santos Pacheco

FOLHETIM

IMPRESSÕES DE VIAGEM

UM ANNO EM FLORENÇA

POR

A. DUMAS

TRAD. POR B. X. DE M.

MARSELHA EM 1793

(Continuação do n.º 113)

Luizinha como creança que era, passando da dôr á alegria dava saltos em bicos de pés a rir como doida.

Tomára a scena um caracter tocante e quasi patriarchal. Coquelin recostado na cadeira, com uma das mãos horisontal ao nariz segurava a estolida figura de papelão suspensa pela cabeça, e com a outra communicava mediante a guita um movimento rapido aos braços e pernas do boneco. Quanto mais se agitava a pobre figura, com mais gosto se ria Luiza. Coquelin saboreava com toda a expansão o resultado do seu mechanismo, e puchando a guita e harmonisando a voz com os gestos do boneco, dizia assim:

— Dizeis então, cidadã, que o vosso marido foi accusado? Pois bem; — verei o que diz o cidadão Bruto; hei de fallar-lhe.... é tão severo o cidadão Bruto! Mas, quem sabe?... Em todo o caso hei-de fazer quanto estiver na minha mão a favor de vosso marido; não tenhais cuidado, cidadã... Infelizmente a minha influencia não é lá muito grande, porem eu hei de fazer tudo... tudo quanto poder!

— Ah! que bondade, senhor Coquelin!

— Oh! eu tenho boa memoria, cidadã; tenho, tenho. Nunca me hei-de esquecer de que ha duas semanas vindes todos os dias ver-me trabalhar meia hora, e durante essa meia hora não sei porque, me tenho sentido feliz. Eu vos digo; uinguem em Marselha gosta dos artistas... eu via-me na necessidade de ser o meu unico admirador..... Olhae, olhae, cidadãsinha, vêde como dansa o meu boneco. A minha menina gosta muito do seu papá, não é verdade?

— Gosto tanto, tanto! respondeu a creança.

— Está bom. E a minha menina ainda não quebrou a sua casa?

— Pois não! senhor Coquelin; — tenho-a na salla em cima da mesa do jogo.

— Cidadã, deveis ter grande satisfação de ser mãe d'uma creança tão linda.

— Sem duvida, disse a joven mulher, e como ella tem muito juiso, vou tambem comprar-lhe este boneco.

— Luisa deu um pulo de contente; Coquelin ergueu-se em toda a arrogancia de sua estatura, e entregou o boneco nas mãos da pobre mãe, que deu 4 francos por elle, e saiu recommendando por a ultima vez seu marido aos cuidados officiosos de Coquelin.

— Ah! é verdade, cidadã; — dizeis-me a vossa morada? perguntou elle.

— Rua dos Thionvillois, numero 6.

— Obrigado, disse Coquelin, e tornando para a loja escreveu n'uma pedaço de papel o endereço que lhe dera a mulher, metteu o no sebento bolso do seu colete de ramos, deu um suspiro, e foi para a loja do fundo.

Apóz instantes faiscaram relampagos, e começou de se ouvir o ruido estridente.

Pelas onze horas da manhã do dia seguinte soube aquella mulher que seu marido comparecera na presença de Bruto, e que este o condemnara á morte.

Este golpe assim inesperado atordoou ao principio a pobre mulher. Mas quando deu fé da sua menina a brincar com a linda casinha, pensou logo em Coquelin, disse á creança que ficasse quieta a divertir-se com os seus brinquedos, fechou a porta á chave, e deitou a correr como uma doida para a rua de Petit Mazeau.

A loja do fabricante de dixes estava fechada.

Era uma derradeira esperança que fugia; e por isso poz-se ás punhadas á porta como insensata, virando para traz de vez em quando a cabeça pafa soltar grandes gemidos.

Ninguem respondeu, mas uma velha visinha de Coquelin abriu a sua janella, e ao ver uma mulher ainda nova batendo á porta com tal sanha, perguntou-lhe o que queria.

— Quero fallar com o cidadão Coquelin, exclamou a joven mulher.

— O cidadão Coquelin saiu com a sua carreta, respondeu a velha; deve estar a estas horas ná Cannebiere. Dito isto cerrou a janella.

A joven mulher outra vez largou a correr na direcção indicada, mas á maneira que se acercava, ia-se apinhando o povo tanto, que teve de parar n'uma das ruas visinhas. Ouviu algumas figuras patibulares conversando assim:

— Ora sempre é pena não poder romper mais para diante! E então hoje que ha dôze! Quem quizer hoje dos primeiros logares ha de puchar por dinheiro.

A pobre mulher desmaiou.

Transportaram-na para uma casa, e como lhe dessem busca ás algibeiras, e encontrassem o endereço da sua casa, levaram-na para a rua dos Thionvillois.

Quando recobrou os sentidos, estava Luizinha ajoelhada diante d'ella, e uma velha, que as acompanhára de Pariz, borrifava-lhe o rosto com agua.

Quiz então levantar-se, mas estava tão fraca, que teve de se sentar outra vez.

Assim permaneceu duas horas com as mãos encostadas aos braços da poltrona, d'olhos fitos, e sem pronunciar palavra.

Ao cabo de duas horas tocaram com força na campainha.

— Ide ver o que é, disse ella á criada.

A pobre velha desceu as escadas; e apoz um instante voltou a tremer com um bilhete na mão.

Parece que um homem de *boné* encarnado lançára o bilhete na escada, gritando: = Para a cidadã *viuva Roberto*.

A joven mulher pegou no papel, que dizia assim:

«Cidadã, — hoje eram dôze, e o vosso «marido devia ser o duodecimo; — eu fiz com que «elle fosse o primeiro aviado. Já vêdes que «cumpri a minha promessa, porque fiz quanto «pude.

«COQUELIN,

«EXECUTOR DA ALTA JUSTIÇA.»

N'este momento disse Luiza a sua mãe:

— Olhe, mamam, veja como salta o meu boneco!

A pobre mulher precipitou-se sobre elle, e sobre a casinha de papelão, fez tudo em pedaços, e sopegando na filha ao cóllo tornou a cair em deliquio depois d'exclamar:

Ah! monstros! — assassinaram teu pae!!!...

(Continua.)

S. THOMÉ

Do *Jornal do Commercio* transcrevemos o seguinte:

«As noticias que recebemos d'esta ilha alcançam até ao dia 2 de maio ultimo.

A impunidade concedida aos escravos que assassinaram ali o sr. E. M. Lipelt ha mais de tres annos, continúa a produzir os naturaes effeitos.

Depois do assassinato feito ha dois mezes pelos escravos do sr. Acacio na pessoa do seu feitor, já ali houve mais dois. Foram dois brancos as victimas da malvadez dos escravos.

Administravam elles uma rossa *Atraz da Ilha* e foram assassinados pelos escravos da mesma rossa, e os quaes, depois do crime commettido fugiram para a ilha de Fernando Pó em canôas.

As correspondencias recebidas de S. Thomé referem que a propriedade e segurança individual estão ali muito arriscadas. Deve-se este perigo á chegada de uns dois mil negros de Angola, os quaes, pela maior parte, eram conhecidos nesta provincia como incorrigiveis, e, especialmente á falta de castigos promptos e severos que os intimidem. Alguns destes negros estiveram mais de 8 annos presos nas cadeias de Loanda, e são homens quasi indomaveis e de pessima indole.

Em S. Thomé não ha naturalmente a força militar necessaria para garantir a segurança pessoal dos europeus, e repellir qualquer tentativa de sublevação que os pretos de Angola possam fazer.

Os brancos, em geral, temem, com rasão, serem um dia assassinados pelos 2:000 pretos de Angola, que consideram como assassinos decididos.

A colheita, segundo dizem as correspondencias, era regular. Estava porem muito estragada em consequencia das immensas chuvas que ali cahiram.

A corveta a vapor «D. Estephania» chegou a S. Thomé no dia 18 de abril com 33 dias de viagem.

Como não apparecessem vapores da companhia União Mercantil até ao principio do mez de maio, deu isto logar a que se julgasse na ilha que as carreiras d'esses vapores tivessem já acabado.»

Deparamos no «Diario de Lisboa» de 21 de junho ultimo, com um documento official sobre o tractado de amisade e commercio com o sultão de Zanzibar, que é bastante curioso, e merece ser lido com attenção, por conter certas particularidades, e pelo acatamento e respeito que o titulo de rei de Portugal ainda infunde aos arabes, apesar de ir bem longe o tempo das nossas immensas glorias.

Eis o documento:

«Illm.º e exm.º sr. — Venho hoje dar conta a v. ex.ª da minha ida a Zanzibar, para ajustar o tractado de amisade e commercio com Said Magid Bin Said, sultão de Zanzibar, e da maneira porque ali fui recebido e tratado durante a minha demora naquella ilha.

Tendo saído deste porto em 17 de outubro, a bordo do vapor—Maria Anna—, cheguei a Ibo em 20, onde me devia encontrar ou esperar o vapor —Lazarim—, que, devendo ter saído de Moçambique no mesmo dia, o não pôde fazer, como depois soube, por ter encalhado no banco da Cabaceira Pequena na occasião da sua saída do porto. Não sabendo a rasão da demora do — Lazarim — esperei fundeado até ao dia 23.

Chegou neste dia o vapor—Lazarim—conduzindo a seu bordo o novo governador do Ibo, nomeado por S. M. o major João Lobo Teixeira de Barros. Tendo-o feito seguir para Zanzibar, logo que desembarcou o governador, segui no—Maria Anna—para o meu destino, aonde cheguei no dia 28 de outubro.

Achavam-se no porto o vapor de guerra inglez—Argel—, cujo commandante acompanhado do consul inglez o sr. Pelly, veiu nessa tarde a meu bordo; uma corveta de guerra de Mascate de vinte peças; e duas corvetas armadas; bem como uma velha fragata de cincoenta e quatro peças, em mastros reaes, da marinha do sultão.

A fragata respondeu á salva que o — Maria Anna—fez á terra. O sultão mandou cumprimentar-me, e saber a que horas desembarcava; mas, sendo bastante tarde, e não tendo ainda escripto a sua alteza, resolvi-me a fazer-lhe primeiro a communicação da minha chegada, e pedir-lhe o dia e hora em que me quizesse receber.

No dia immediato ao da minha chegada appareceu o vapor —Lazarim. — Designado o dia e hora, desembarquei defronte da residencia de sua alteza, onde elle me esperava, acompanhado de um grande numero de pessoas que costumam formar a sua comitiva.

Sua alteza veio receber-me á rampa do desembarque, que é proxima da casa aonde recebe em audiencias solemnes. A guarda de honra do sultão, composta de alguns sipaes da India e de arabes do norte, e um grande concurso de povo cercavam o sultão, e enchiam o largo fronteiro á residencia.

Acompanhado pelos quatro officiaes da provincia e pelos interpretes que formavam a minha comitiva, e pelos commandantes e officiaes dos dois vapores, fui mui benevola e cordialmente tratado pelo sultão, que nos acompanhou á sala da audiencia. Ali, depois de o ter cumprimentado e de lhe fazer saber o objecto especial da minha missão, lhe apresentei cada um dos officiaes de terra e mar que me acompanharam. O sultão, tendo-se informado das noticias que podia dar-lhe de S. M. El-Rei, ácerca de quem mostrou grande interesse e curiosidade, se informou da nossa viagem, e me fez diversas perguntas sobre differentes objectos, a que eu satisfiz como me era possivel.

Servido o café e o sorvete de uso entre os arabes, findou esta primeira audiencia.

Como o sultão me declarasse que seria elle o proprio que trataria comigo, em outra audiencia que se effectou em alguns dias depois, lhe apresentei os plenos poderes de que ia munido, pedindo-lhe me designasse dia e hora da primeira conferencia.

Segundo a portaria de instrucções, n.º 18, de 1861, devia eu procurar obter dos consules estrangeiros ali residentes, inglez, francez, americano e hamburguez, os tractados feitos com os seus respectivos paizes, e assim o fiz.

Os consules destas diversas nações todos foram vísitar-me a bordo no dia immediato ao da minha chegada a Zanzibar.

Tenho sido informado por todos os consules unanimemente das demoras que, por effeito dos habitos e indolencia natural dos arabes, teria de experimentar, e sendo muito incommoda a minha residencia a bordo, não só pela pouca capacidade do navio, como pela difficuldade de communicar com a terra, e como todos os que me acompanhavam estavam mal accommodados, mandei procurar uma casa decente aonde podesse residir pelos poucos dias que me parecia poderia demorar-me em Zanzibar.

O sultão, informado das minhas diligencias, tomou em mão o negocio e me fez declarar que era seu hospede, e que não consentia que eu alugasse casa, mas sim escolhesse a que me conviesse, para elle a mandar pôr á minha disposição: agradeci, como devia, o favor, e respeitando, como é necessario com os arabes, a offerta, escolhi uma casa mui decente, que um arabe, por nome Abdalla, cujo pae, em outro tempo residira por muitos annos em Moçambique, me havia anteriormente offerecido.

No dia 7 de novembro estava installado com os meus officiaes na casa de que fallo, e dois dias depois ali recebi a honra especial da visita de sua alteza o sultão.

Tendo colhido as informações necessarias, e tendo em minha posse os tractados feitos entre os diversos paizes e o sultão de Mascate, e redigida a minuta competente, esperava, não sem alguma impaciencia, a primeira conferencia; mas, vendo que a pouca saude do sultão por uma parte, a saída do governador da cidade, seu principal conselheiro, sem o parecer do qual nada importante se faz, demoravam de dia para dia a discussão do tractado, resolvi-me a propôr ao sultão que nomeasse pessoa a quem désse os seus plenos poderes para tratar comigo, visto a difficuldade de eu directamente o fazer com sua alteza. Com effeito deu elle os seus plenos poderes ao seu secretario Mahamad Bin Naman, que alem de outras circumstancias, entendia e fallava o idioma inglez.

Com elle começaram pois as conferencias, que se prolongaram por muitos dias, interrompidas por diversos motivos, já de outro serviço, já de doença, mas mais que tudo pelo embaraço em que o sultão, que todos os dias era informado dos nossos trabalhos, não obstante as minhas diligencias, pouco ou nada adiantavam.

A' differença de ideias que os arabes teem, a respeito dos negocios mais simples, e á falta das noções mais communs entre os europeus, se juntava uma certa desconfiança de que nas condições propostas se occultassem vantagens para nós, que elles não podiam prever. Nesta disposição de espirito, da parte dos arabes, era quasi impossivel chegar a uma prompta conclusão.

Depois de numerosas conferencias e da chegada de Said Soliman, que os negocios do continente haviam demorado mais tempo do que se tinha previsto, se chegou a um accordo, como em officio especial tenho a honra de relatar a v. ex.ª, e se assignou o tractado, de que fui encarregado contendo as mesmas clausulas e as vantagens que são concedidas ou vierem a ser á nação mais favorecida.

No dia 28 de dezembro foi o tractado assignado em duplicado pelo plenipotenciario de sua alteza o sultão, e por mim. Em 4 de janeiro corrente effectuou-se a audiencia solemne de despedida a sua alteza o sultão, e n'esse dia me foi entregue, pelo secretario de sua alteza, a carta junta do sultão para S. M. El-Rei. N'este mesmo dia, depois de haver feito a minha despedida aos consules, residentes em Zanzibar, com quem sempre tive as melhores relações e de quem recebi todas as provas de deferencia e consideração, e por quem mesmo fui muito obsequiado, embarquei a bordo do vapor *Maria Anna*, que pelas rasões expostas em outro officio, me resolvi a demorar na provincia por mais algum tempo.

O vapor *Barão de Lazarim* recolheu á provincia, sahindo de Zanzibar, em 13 de dezembro. Trouxe parte das pessoas que me tinham acompanhado, chegando ao porto de Moçambique em 23 do mesmo mez sem novidade. Tendo sahido em 5 de janeiro de Zanzibar, toquei no Ibo, onde me demorei dois dias, e partindo para esta cidade aqui cheguei no dia 15 do corrente, sem outro contratempo mais do que grossos mares e fortes ventos.

E' do meu dever fazer constar a v. ex.ª que durante a minha demora em Zanzibar, fui tratado e recebido por sua alteza da maneira a mais distincta em todas as occasiões, e que sempre me deu as maiores provas de benevolencia e consideração; não tendo ouvido senão expressões de amisade e sympathia pelos portuguezes, cujo nome é ainda repetido com veneração, e cuja passada grandeza lança um reflexo de gloria sobre os que se presam de pertencer a uma nação que regou com o sangue generoso de seus filhos estes paizes, e deixou n'elles vestigios indeleveis da sua passagem. E se é doloroso considerar a differença entre aquelles tempos gloriosos e outros menos felizes, ao menos póde consolar-nos a idêa, embora estranhos affirmem o contrario, de que o nosso nome não só não é odiado, antes ao contrario é respeitado pelos povos d'esta costa, onde o nosso dominio foi outr'ora tão consideravel.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 7 de fevereiro de 1862. — Ill.mo e ex.mo sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. — *João Tavares de Almeida*, governador geral.»

PARTE OFFICIAL

Ministerio das obras publicas, commercio e industria

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º E' o governo auctorisado a contrahir um emprestimo até á quantia de réis 1.100:000$000 com applicação, no proximo anno economico, ás obras publicas constantes da tabella junta, que faz parte desta lei, e da tabella n.º 2 a que se refere a carta de lei de 10 do setembro do anno passado, devendo as estradas a que alludem as mesmas tabellas ser construidas por administração, quando o não possam ser por empreza ou por empreitada.

§ unico. Os encargos desta operação não deverão exceder a 7 por cento.

Art. 2.º Fica tembem o governo auctorisado a construir até ao seu completo acabamento todas as estradas de qualquer classe, cuja construcção, na data da publicação desta lei, se achar começada ou ordenada.

Art. 3.º Para realisar o emprestimo a que se refere o artigo 1.º é auctorisado o governo a fazer crear e emittir, pela junta do credito publico, até á quantia de 2.750:000$000 réis em titulos de divida fundada interna e externa.

§ unico. O governo fará entregar á junta do credito publico a somma correspondente aos juros dos titulos de divida fundada que se emittirem em virtude deste artigo.

Art. 4.º O governo dará conta ás cortes do uso que tiver feito das auctorisações concedidas pela presente lei.

Art. 5.º Fica deste modo ampliada a carta de lei de 10 de agosto de 1860 e revogada toda a legislação em contrario.

Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar, tão inteiramente como n'ella se contém.

O marquez de Loulé, par do reino, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, e interinamente encarregado do ministerio das obras publicas, commercio e industria, e o ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a façam imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 9 de julho de 1862. = EL-REI, com rubrica e guarda. — *Marquez de Loulé* = *Joaquim Thomás Lobo d'Avila*. = Logar do sêllo grande das armas reaes.

Carta de lei etc.

Ministerio dos negocios da fazenda

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º E' o governo auctorisado a mandar pagar a D. Candida Maria de Sousa Freire, filha do segundo tenente da armada Francisco Antonio Freire, a importancia correspondente á metade do monte pio que a ella se ficou devendo, no periodo decorrido desde novembro de 1841 a dezembro de 1846.

Art. 2.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contem.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda aos 7 de julho de 1862. = EL-REI, com rubrica e guarda. = *Joaquim Thomás Lobo d'Avila* =Logar do sêllo grande das armas reaes.

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º E' o governo auctorisado a prorogar até 31 de dezmebro de 1863 os prasos estabelecidos no artigo 8.º e seus §§ da carta de lei de 29 de julho de 1854 para a troca e giro das moedas de oiro e prata, mandadas retirar da circulação pela mesma lei.

Art. 2.º E' igualmente auctorisado o governo para mandar cunhar, durante o praso estabelecido no artigo 1.º desta lei, até á quantia de 200:000$0000 réis em moedas de prata, conforme julgar mais conveniente.

Art. 3.º E' tambem renovado até 31 de dezembro de 1863 o beneficio concedido aos particulares, bancos e associações pelo artigo 2.º da lei de 24 de abril de 1856.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contem.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 8 de julho de 1862. = EL-REI, com rubrica e guarda. = *Joaquim Thomás Lobo d'Avila* —Logar do sêllo grande das armas reaes.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Silves 30 de julho de 1862.

Por decreto de 12 do corrente mez foi transferido o sr. dr. Henrique Pinto de delegado do procurador regio desta comarca para igual logar nessa.

Ainda que temos a convicção de que o testemunho d'um, de muitos ou de todos os habitantes d'uma localidade a respeito do bom comportamento e desempenho do empregado publico nada influe no melhoramento da sua carreira, comtudo, como o reconhecimento das boas qualidades do funccionario publico nos impõe o dever de consciencia de patentcal-as, e de recommendal-o ao paiz, vamos descarregar-nos deste dever.

Esteve o sr. dr. Henrique Pinto vinte mezes nesta comarca, e durante este tempo presenciamos, que, como funccionario publico, foi sempre zeloso no cumprimento das suas obrigações, sem que o zelo o levasse a ponto de requerer injustiça, e sem que os vicios, quasi sempre inherentes ao officio de accusar, o arrastassem a diatribes contra os reos; vimol-o com assiduidade diligenciar os interesses da fazenda, e dos orfãos, mas com tal delicadeza de maneiras e escolha de meios, que não adquiriu por isso inimigos, o que é raro.

Quando tivemos occasião de ver os livros e pastas da delegacia a seu cargo, não podemos deixar de fazer reparo no arranjo, pontualidade da escripturação, que porisso contrastam com as lacunas e desordem que algumas vezes temos visto em papeis similhantes.

Na captura dos criminosos empregava tal empenho, que chegou a ser admirado pela pertinacia com que os perseguia, pagando algumas vezes, juntamente com outra auctoridade, as diligencias empregadas para esse fim, e acompanhando-as outras vezes.

Como particular sustentou tracto constante e intimas relações com as melhores familias desta cidade sem que tivessem o mais leve pesar da intimidade e franqueza com que o recebiam; porque soube corresponder lhes com delicadeza de sentimentos e de maneiras propria de cavalheiro de boa indole, e de boa educação.

Para metigar a saudade, que no apartamento nos deixa o cavalheiro probo, o empregado justiceiro e zeloso no cumprimento das suas obrigações, só nos resta o consolo, que provem do reconhecimento de similhantes qualidades e a satisfação de patentcal-as aos que vão ter a fortuna de vel-o entre si. Por este motivo, peço-lhe, sr. redactor, o obsequio de inserir estas linhas no seu jornal, pelo que lhe ficará reconhecido o

De v. etc.

C. M. N.

EXTERIOR

Dos jornaes recebidos hontem copiamos o seguinte:

Marselha, 24—Um novo incendio consumiu 800 casas em Constantinopla. O sultão foi em pessoa ao theatro da catastrophe, que se attribue a malevolencia.

Se a Porta se negar difinitivamente a que a Italia seja admittida nas conferencias, o sr. Caraciolo regressará sem entregar as suas credenciaes. A Austria é a unica das cinco grandes potencias que se oppõe á sua admissão.

Continuam na Bosnia os preparativos de guerra.

Londres, 24—O governo toma medidas para socorrer a miseria causada pela escacez de algodões.

Paris, 25—Os jornaes desta capital dizem que a Hespanha participa das vantagens do tratado da Cochinchina.

Ha noticias de Veracruz de 2 do corrente. Segundo estas, os francezes repelliram nos dias 14 e 15 os ataques contra Orisava.

As communicações entre Orizava e Veracruz continuam sendo mui difficeis.

Turin, 25 — Garibaldi continua ainda em Palermo.

Paris, 26—New-York, 16 — Por em quanto é duvidosa a tomada de Batonronge.

Celebrou-se um *meeting* para recommendar a continuação energica da guerra, e repellir qualquer intervenção estrangeira.

Os estados intermediarios oppõem-se á emancipação dos escravos.

Bruxellas, 25—O tratado anglo-belga foi communicado ás camaras.

Ragusa, 35—A luta é cada vez mais encarniçada.

Os turcos perderam 3:000 homens nos combates dos dois ultimos dias.

Vienna, 25—Annuncia a *Gazeta do Danubio* que os ministros das grandes potencias começaram em Constantinopla as conferencias para os assumptos da Servia mas não se tratará a questão do Montenegro.

Belgrado, 25— Os servios e os turcos man-

ter-se hão impassiveis em quanto durarem em Constantinopla as conferencias diplomaticas.

Turin, 25—Diz-se que o conde de Launay irá a S. Petersburgo na qualidade de embaixador de Italia.

O governo adquiriu o caminho de ferro de Genova ao Veltri, mediante o rendimento de 22 francos 50 centesimos por acção.

O ministro da justiça apresentou hoje á camara um projecto de lei contra os abusos do clero. Foi recebido com enthusiasmo e votou-se com urgencia.

Londres, 25 — New-York, 12 — Ouviram-se tiros de artilheria para o lado do rio James, suppõe se que Mac-Clellan deu uma nova batalha.

Numerosas guerrilhas confederadas operam em Kentuky. O senado auctorisou o presidente a admittir os negros no exercito e a recebel-os na União na qualidade de lavradores, concluida a guerra.

Os representantes adoptam dois projectos de lei relativa á alfandega e á confiscação dos bens dos insurgentes.

O presidente Lincoln foi convidado a ir a New-York para assistir a um grande *meeting* dos partidarios da guerra.

Paris, 25—As noticias do Mexico confirmam as duas acções perdidas por Ortega e Saragoça, em Cerro dei Borgo.

As noticias da China apresentam como muito critica a situação do exercito inglez em Slang-Hai.

Diz o *Daili News* que o chefe da expedição pediu um reforço de 8,000 homens.

Sobem a 19,470 homens que vão reforçar o exercito francez do Mexico.

Paris, 27—Foi supprimido o jornal intitulado *L'Orleannais*.

Turin, 26—A *Gazeta Official de Turin* desmente os boatos de uma expedição clandestina para desembarcar nas costas da Toscana.

Nas ruas de Napoles houve uma manifestação em favor do papa.

Londres, 26—A abundancia de dinheiro produziu alta.

Noticias de New-York de 14 dizem que os confederados ameaçavam Corintho.

Escrevem de Constantinopla em 8 de Julho:

«Mais um incendio, que em tres horas devorou mais de 1:000 casas, veiu consternar Constantinopla e destruiu o bairro muito conhecido pelo nome de Kassim-pachá. O arsenal de marinha, situado neste bairro, escapou á custa de muitos esforços.

Muitas centenas de familias ficaram reduzidas a uma completa miseria, que a caridade publica e a bondade do soberano já principiaram a suavisar. No meio desta espantosa catastrophe todos fizeram o seu dever, e o ministro da guerra ficou ferido na cabeça por uma trave inflammada.

O quartel de marinha foi tres vezes atacado pelas chamas, mas de todas conseguiram tornar-se senhores do flagello.

Todos os ministros estimulados pela presença do sultão, que logo appareceu a cavallo no theatro do incendio, trabalharam na organisação dos socorros.

Mudando o vento, o fogo tomou nova direcção, e ameaçava ainda maior destruição; mas os soccorros foram bem dirigidos, e depois de grandes exforços conseguiu se detel-o.

As perdas são consideraveis.

—Da «Correspondencia»:

«Cracovia 25.—E' infundado quanto se diz a respeito do attentado contra o grã-duque Constantino. Este, em uma conferencia conciliadora com os chefes do partido Kamoyski, prometteu que d'aqui em diante só os polacos exercerão os os cargos publicos.»

«Londres (sem data).—Os inglezes enviam grandes reforços á China.

Parece definitivamente abandonado o plano de Garibaldi de um desembarque nos estados pontificios.»

«Paris 29.—A «Patrie» diz que os consideraveis reforços que a França mandou ao Mexico produziram sensação em Washington.

O tratado da Cochinchina estipula tres milhões de francos de indemnisação á Hespanha.»

«Turin 28.—O sr. Ratazzi declarou na camara dos deputados, que a Italia respeitará a integridade da Suissa.

Garibaldi continua em Palermo.»

«Paris 29.—Juarez ordenou a Saragoza que intimasse o general Lorencez a evacuação da republica, ou a capitulação.

Saragoza cumpriu aquella determinação, ameaçando com atacar Orizava. Lorencez respondeu que não tinha autorisação nem para capitular nem para evacuar a republica.

Então Saragoza atacou Orizava com 6000 homens, e foi repellido sem necessidade de empregar senão uma companhia do corpo de exercito francez.»

Dizem de cadiz a 28:

«Acaba de chegar o paquete das Canarias. As suas noticias alcançam a 23, em cuja data era perfeita a tranquillidade e o estado sacitario das ilhas. No dia 23 arribaram a Tenerife duas naus, uma fragata e um vapor da marinha de guerra franceza, conduzindo tropas até o numero de 2500 homens de infanteria e 300 de cavallaria, para a Martinica d'onde seriam transportados ao Mexico.»

VARIEDADES

Guerra insecticida. — Tudo quanto ha ou pode servir de meio de destruição, tem o progresso dos nossos tempos patenteado como obra do seu vigilante e incansavel esforço.

Para destruição do homem nos campos da guerra inventou ultimamente a arte militar novas armas e novos meios.

Descobriu-se que a casca do pepino lançada em sitios frequentados das baratas era um prompto veneno para as destruir.

De cobriu se o portentoso pó vegetal insecticida (diz o annuncio) para a destruição completa (segundo o mesmo annuncio) das pulgas, percevejos, formigas, traças e baratas, sendo sobremaneira *baratas* estas *traças* armadas contra a existencia de tão incommodos viventes.

Está já conhecido o meio de dar cabo da lagarta, semeando-se apenas algumas sementes de linho nos logares em que se tenham semeado as plantas que ella costuma atacar e destruir.

Descobriu-se que o modo de dar caça aos caracoes, que damnificam as hortas e jardins era pondo nos sitios mais frequentados por elles folhas de coube abrandecidas ao fogo e untadas com manteiga de porco sem sal.

Descobriu-se que frigir em azeite pequenos bocados de cortiça e lançal-os nos logares mais visitados dos ratos, era contra elles uma temivel e traiçoeira arma de destruição.

Descobriu mr. Bertin o modo de dar cabo das minhocas e toupeiras.

Descobriu-se que não ha mosquito que deixe de cahir morto em aposento onde se hajam queimado alguns cominhos rusticos.

Para a destruição das moscas tem o espirito humano desenvolvido os mais brilhantes recursos!

Alem do acreditado papel olympico afiançado por mr. Baron, ha agora uma pequena e simples machina, pendente de um venenoso fio, que faz com que a existencia de toda a incauta mosca que ali toque fique logo por um *fio*.

O sr. Margouttean apresentou ha dias na vidraça do seu vistoso armazem da rua nova do Carmo, uma outra engenhosa machina destinada ao *mosquicidio*, e consta de uma caixa, que tem a um lado um cilindro untado de mel, ao qual se imprime um movimento de rotação por meio de corda, como se pratica nas caixas de musica, tendo a dita caixa na parte superior uma cupula de rede miuda, que por uma abertura no tampo da mesma recebe as moscas que vão pouzar no cylindro.

Mas ha cousa ainda mais recente e melhor.

Diz a «Union Medicale» que o sr. Estanislau Martins propõe o sabão de Marselha, por que tem a propriedade de attrahir o insecto e não produz os perigosos effeitos do cobalto arsenical, que faz todos os annos algumas victimas, e principalmente entre as gallinaceas que comem as moscas envenenadas.

E' simples o uzo desta efficaz receita.

Colloca-se na casa em que se pretende attentar contra a existencia das moscas um vaso contendo agua mui carregada de sabão; cobre-se com uma folha de papel, deixando aberto no centro um grande orificio para as sobreditas poderem ir tomar o seu refresco; asseverando-se que se ao liquido assim preparado se juntar uma porção de assucar, mel, ou melaço, não haverá mosca de bom gosto que resista a tamanha tentação.

Por estes ligeiros apontamentos fiquem sabendo os nossos leitores, que corre pasmosamente aperfeiçoada a arte de matar homens, baratas, pulgas percevejos, formigas (os formigões tambem costumam cahir na esparrella) traças, largatas, caracoes, ratos, minhocas, toupeiras, mosquitos e mosca!

E digam lá que homem inventor de todas estas maravilhas não é um verdadeiro operario do progresso!

NOTICIARIO

Felicitação. — A camara municipal de Turin dirigiu ao Rei Victor Manuel a seguinte felicitação, por motivo do consorcio da princeza a sr.ª D. Maria Pia, com o Rei de Portugal:

«Senhor. — A auctorisada voz do parlamento italiano, já solemnente se tornou interprete da alegria experimentada pela nação ao saber do casamento de Sua Alteza Real a princeza Maria Pia, vossa augusta filha, com Sua Magestade Fidelissima D. Luiz I, Rei de Portugal e dos Algarves.

«Mas a cidade, na qual a Augusta noiva nasceu, e onde tem crescido em annos e em virtudes, não póde contentar-se com applaudir em segredo as nobres palavras do senado e da camara electiva.

«A cidade, além de julgar isso um dever, sente a necessidade de testemunhar com a maior presteza o prazer de que se acha possuida, por isso que, habituada ha oito seculos a considerar como suas as glorias da sua real casa, considera o consorcio de uma princeza de Saboya bem menos como uma festa de familia, do que como um acontecimento que faz nascer espontaneamente a alegria publica.

«O povo de Turin, senhor, que sempre partilhou os destinos de vossos antepassados, e partilhará sempre os vossos, supplica-vos que vos digneis acceitar esta cordeal expressão da sua affeição.

«Vossa augusta filha, entrando, pelo seu consorcio, na casa de Bragança, será uma fonte de felicidade, porque levará comsigo um nome sem mancha, as virtudes que herdou de uma mãe angelica, a piedade das Margaridas e das Clotildes, a ineffavel bondade da filha do piedoso Amadeu, que foi, ha sete seculos, um objecto de admiração e de amor quando rainha do povo lusitano.

«E esse mesmo povo, que tem de commum com a Italia a sua origem, as suas aspirações de liberdade, e as suas esperanças de gloria, acolherá a joven rainha como um penhor e um presagio enviado pelo céu ao seu Rei, em quem depositou com a maior segurança toda a sua confiança.

«Senhor, os cidadãos de Turin, acompanharão com seus sinceros votos a Augusta esposa até ao palacio real de Lisboa, regosijando-se por tão auspiciosa união, em que descobrem a fagueira esperança de que contribuirá para o engradecimento das duas reaes casas, e dos dois povos.»

Estatistica curiosa. — O *Diario de Lisboa* de 29 de julho ultimo publica uma portaria e respectiva consulta da junta geral da bula da cruzada, sobre os estabelecimentos de educação e instrucção ecclesiastica nas differentes dioceses do reino, em que se encontram varios dados estatisticos.

Colhemos della as seguintes noticias que reputamos d'interesse:

«Durante o anno lectivo findo em 1861, frequentaram os seminarios, e mais aulas de disciplinas ecclesiasticas, nas differentes dioceses do reino e ilhas adjacentes 2:003 alumnos, distribuidos do seguinte modo:

Na diocese do Algarve, 45 — na de Aveiro, 54;—na de Beja, 14;—na de Braga, 51;—na de Bragança, 34;—na de Castello-Branco, 42;—na de Coimbra, 476; —na de Evora, 59;—na do Funchal, 54;—na da Guarda, 34; na de Lamego, 115; —na de Leiria, 31;—na de Pinhel, 73;—na de Portalegre, 29;—na do Porto, 57;—na de Santarem, 193;—e na de Vizeu, 159.

A junta geral da bula, desde a sua installação em 1852 até ao corrente anno, tem contemplado os mesmos seminarios e aulas com os seguintes subsidios:

As da diocese do Algarve com 15:500$000 rs.; — de Aveiro com 4:578:$666 rs.; — de Beja com 4:270$000 rs.;—de Braga com 19:300$ rs.;—de Bragança com 14:566$830 rs.;—de Castello-Branco com 4:451$000 rs.; — de Coimbra com 12:200$000 rs.;—de Elvas com 1:848$000 rs.;—de Evora com 6:040$000 rs.;—do Funchal com 2:400$000 rs.; da Guarda com 7:432$000 rs.;—de Lamego com 3:300$000 rs.;—de Leiria com 7:200$000 rs.;—de Lisboa com 33:500$ rs.; —de Pinhel com 3:711$066 rs.;—de Portalegre com 1:224$000 rs.;—do Porto com 20:353$486 rs.;—de Vizeu com 4:000$ rs.;—de Angola com 6:700$000 rs. — de Angra com 9:136$000 rs. — de Cabo Verde com 4:000$000 rs.;—e de S. Thomé e Principe com 2:500$000 rs.

A junta distribuiu tambem no mesmo periodo, para reparações de egrejas, e para as fabricas, a quantia de 10:006$400 rs.»

Maria Pia na Revista Contemporanea. — Podem já os leitores da *Revista Contemporanea* ver o rosto da nossa futura rainha a sr.ª D. Maria Pia, da casa da Saboya, no segungo numero do quarto anno, que acaba de ser publicado. E' gravado pelo amestrado buril do sr. Pedro de Sousa.

O artigo biographico, que acompanha este notavel retrato, é devido á penna do doutor marquez de Sousa Holstein. Esta dupla circumstancia do retrato e biografia deve bastar para tornar muito procurado este numero.

Alem da biographia, consta o summario de:

Meditação, por A. A. — Commercio externo de Portugal, por José de Torres — Laura, poema, por E. A. Vidal — A Ermida de Castromino, por A. A. Teixeira de Vasconcellos — Discurso do sr. ministro da marinha (Mendes Leal) — Chronica litteraria, por E. Biester.

O numero 3 publicará com o retrato de Mousinho da Silveira, a biografia escripta por Luiz Augusto Rebello da Silva.

Premios. — O corpo cathedratico medico-cirurgico do Porto resolveu, em conselho pleno, conferir premios aos seguintes alumnos da mesma escola:

1.ª cadeira—Anatomia descriptiva

1.º Premio—Antonio Fernandes de Figueiredo Ferrer Ferol, de Vizeu.

2.º Dito—Joaquim José de Moraes, Bragança.

3.ª cadeira—Materia medica pharmacia

1.º Premio—Francisco Antonio Marques de Moura, d'Aveiro.

2.º Dito—Joaquim Pinto de Azevedo, do Porto.

4.ª cadeira—Pathologia geral e pathologia externa

1.º Premio—Francisco Antonio Marques de Moura, d'Aveiro.

2.º Dito—Joaquim Pinto de Azevedo, do Porto.

5.ª cadeira=Medicina operatoria e cirurgia forense

1.º Premio—Illidio Ayres Pereira do Valle, de Valença do Minho.

2.º Dito—Antonio Teixeira de Carvalho, do Marco de Canavezes.

3.º Dito—Elias Fernandes Pereira, de Aveiro.

6.ª cadeira—Obstetricia

1.º Premio—José Ribeiro Barboza, do Porto.

2.º Dito—Francisco Pinto Soares Passos, do Porto.

3.º Dito—Eduardo Augusto Ribeiro de Almeida, do Porto.

4.º Dito—Joaquim Ribeiro de Aguiar, de Penafiel.

7.ª cadeira—Philosophia medica e pathologia interna

1.º Premio—Illidio Ayres Pereira do Valle, de Valença do Minho.

2.º Dito—Antonio Teixeira de Carvalho, do Marco de Canavezes.

3.º Dito—Elias Fernandes Pereira, d'Aveiro.

4.º Dito—Antonio José de Carvalho Portella, de Villa Real.

5.º Dito—Anibal Augusto Gomes Pereira, de Chaves.

9.ª cadeira—Clinica cirurgica

1.º Premio—José Ribeiro Barboza, do Porto.

2.º Dito—(por ordem da matricula) Eduardo Augusto Ribeiro de Almeida, do Porto.

Francisco Soares Passos, do Porto.

Joaquim Ribeiro de Aguiar, de Penafiel.

Conde de Bomfim. — Da «Voz do Alemtejo» copiamos os seguintes apontamentos sobre os serviços militares do valente general conde de Bomfim, ha pouco falecido, durante a guerra peninsular de 1808 a 1814:

José Lucio Travassos Valdez, conde do Bomfim, o tenente general mais antigo do exercito, e commandante da setima divisão militar, isto é, da sua provincia, pois que é natural da praça d'Elvas, no Alemtejo era ainda mui joven e achava-se estudando *direito* na universidade de Coimbra, quando alli rebentou a revolução contra os francezes em 1808, e começou então a sua carreira militar alistando-se em 25 de julho d'esse anno no *batalhão academico*.

Quando desembarcaram em Lavos as tropas inglezas do commando do invicto general sir Arthur Wellesley (depois marechal duque de Wellington), foi o conde de Bomfim mandado pelo illustre general Bernardim Freire d'Andrade para o quartel general do dito marechal, sendo seu ajudante de campo desde que saiu de Lavos, e estando como tal nas gloriosas batalhas da Roliça e Vimieiro, das quaes resultou a expulsão do exercito francez e o restabelecimento do throno na casa de Bragança.

O conde de Bomfim desde então (1808) até 1814 fez toda a guerra da Peninsula, entrando em França com o exercito alliado, e assistindo durante todo aquelle tempo a nove batalhas geraes, quarenta e cinco acções de primeira ordem, seis sitios, cinco assaltos e muitos combates, escaramuças, etc. a saber:

Batalhas

Roliça em 17. Vimieiro em 21 d'agosto de 1808 — Albuera em 16 de maio de 1811 — Salamanca em 22 de julho de 1812 — Victoria em 21 de julho, 1.ª dos Perynéos em 28, 2.ª dita em 30 de julho de 1813 — Orthés em 28 de fevereiro, Toulouse em 12 d'abril de 1814.

Acções

Campo Maior em 25 de março. Los Santos em 16. Reconhecimento da praça de Badajoz em 22 d'abril. Bosque d'Albuera em 18. Solâna em 29. Uzagre em 22 de maio de 1811 — Campo Maior em 23 de junho. Castrejon e Torrecilha de la Orden em 18. Caniçal em 19. Hornos de Moxica em 24 de julho. Almendralejo em 19 d'agosto. Valhadolid em 7 de setembro. Arapiles em 15 de novembro de 1812. Osma e San-Midan em 18, Morillas em 19, Toloza em 25 de junho, Elyzondo em 5, Porto de Maya em 7, Urdach em 8, Roncesvalles e Porto de Maya em 25, Junto á Praça de Pamplona em 27, Lizasso em 29. Alturas de Zarza, Lizasso e Alturas de Santa Barbara em 31 de julho. Santo Estevão e Vera em 1, Echalar em 2, Urdach em 4 de agosto de 1813 — St. Palais em 16, Sauveterre em 24, Peyrohorade e Orthes em 25, St. Sever em 28 de fevereiro, Vic. Bigorre em 19, Tarbes em 20, Plaisence du Touch em 27, L'Ardene de Toulouse em 29 de março de 1814.

Sitios

Praça d'Olivença de 9 até 15 d'abril, 1.º da praça de Badajoz de 5 até 16 de maio, 2.º dito de 19 de maio até 17 de junho de 1811 — 3.º da praça de Badajoz de 17 de março até 6 d'abril, Forte de Salamanca de 17 até 27 de junho de 1812 — Praça de S. Sebastião de 9 de julho até 31 d'agosto 1813.

Assaltos

Praça de Badajoz em 6 de abril, 1.º do Forte de Salamanca em 23, 2.º dito em 27 de junho de 1812—1.º da Praça de S. Sebastião em 25 de julho, 2.º dito em 31 d'agosto de 1813.

A' vista d'este honroso quadro, se não se póde dizer com exactidão, que o conde de Bomfim entrou em cem *batalhas*, como, *sem as designar*, é custume dizer-se dos grandes capitães quando se quer indicar os seus extremados serviços, riscos e gloria militar; póde comtudo dizer-se, com verdade, que, só na guerra peninsular esteve em mais de cincoenta *acções* de primeira ordem, além de muitos combates, alguns sitios e assaltos: extraordinaria e honrosa circumstancia que se não dá a respeito de *nenhum outro* dos nossos actuaes cabos de guerra.

Policia ingleza. — (Do *Nacional*). Haviam sido commettidos muitos roubos na secção dos productos austriacos da exposição universal de Londres, sem que se podesse descobrir qual ou quaes os authores. Um agente da policia secreta lembrou-se d'um meio bastante engenhoso: postou-se disfarçado em manequim na secção austriaca. O ladrão não se fez esperar muito tempo. Aproximou-se furtivamente, dirigiu em redor de si uma olhadella e apoderou-se d'um magnifico par de botas. Foi grande o seu espanto ao vêr que mão desconhecida lhe embargava o passo, a mão era a do fingido manequim! O ladrão cahiu como fulminado pelo raio, e o agente julgou-se morto de susto; porém o homem tornou a si e foi conduzido á prisão.

Correspondencia. —Na secção competente publicamos uma carta que um nosso assignante de Silves, nos dirigiu dando testemunho do bom comportamento do sr. Henrique Pinto delegado desta comarca, e da sympathia que grangeou na comarca d'onde acaba de ser transferido.

Folgamos com este testemunho honroso para o nosso amigo, cujas virtudes conhecemos á muito e de cujo talento somos admirador.

Premios. —No logar competente publicamos a relação dos alumnos da eschola medico-cirurgica da cidade do Porto, que mereceram ser louvados no anno lectivo de 1861 a 1862. Fazemol o com duplicado prazer por vermos ali os nomes de dois nomes patricios e amigos os srs. Elias Fernandes Pereira e Francisco Antonio Marques de Moura, aquelle nas disciplinas do 4.º anno, e este nas do 3.º.

Recebam os nossos amigos os nossos sinceros parabens.

Desturbios em Sevêr. — Começam a realisar-se os desejos dos turbulentos daquella localidade.

Novamente apparecem manifestações contra as minas, e no domingo foi o 1.º acto do drama do vandalismo que ha muito ali se prepara. Na madrugada deste dia appareceu em chammas o deposito de carvão e uma casa que os proprietarios das minas ali tem.

Na sexta-feira tinha partido para aquella localidade uma grande parte do destacamento desta cidade, porem ficou aquartelado no proprio estabelecimento que dista meia legua das margens do rio aonde era o deposito incendiado.

Não podemos deixar de dizer que estes factos se devem á inercia da respectiva auctoridade administrativa, ignorando por em quanto que se dessem providencias para salvar o laborioso estalecimento do sr. Mathias da furia dos desordeiros.

Consta-nos que ainda podéra atalhar-se o incendio da casa, mas que ainda hontem existia o do carvão.

CORREIO

LISBOA 3 DE AGOSTO

(Do nosso correspondente.)

O asyo de S. João onde se abrigam as creanças que ficaram desamparadas por motivo da sahida das irmãs de caridade está satisfazendo completamente aos generosos fins da sua instituição. O seu mais desvelado protector, o sr. José Estevam, tem alcançado novas sympathias pela caridade com que se tem dedicado áquelle estabelecimento.

O nosso primeiro retratista, o sr. Rodrigues, apresentou-se em casa do illustre orador, a fim de tirar o retrato de s. ex.ª, a oleo e de grandes dimensões. Pretendeu o sr. José Estevão saber para quem era o retrato, e quem o mandára tirar; o distincto pintor respondeu que o quadro devia ser collocado no asylo de S. João, mas que não podia dizer o nome da pessoa que o encarregára da obra, por lhe terem recommendado o maior segredo a tal respeito. A inauguração do retrato do grande orador portuguez deverá verificar-se brevemente.

O seguinte caso passado ha dias na rua dos Fanqueiros, prova até que ponto é querido o sr. José Estevão. Conto-o, porque a noticia deve ser agradavelmente lida pelos habitantes dessa cidade, que tantos e tão bons serviços devem ao nosso primeiro tribuno.

Recebêra o sr. José Estevão do asylo de S. João uma nota dos objectos de fancaria necessarios naquelle estabelecimento, e dirigiu-se a um fanqueiro, em companhia do sr. Loureiro de Mesquita, a perguntar qual seria a pessoa competente, para haver de alguns logistas aquelles objectos gratuitamente para o asylo, em ordem a que a esmola se não tornasse pesada aos commerciantes. O fanqueiro que não conhecia o orador popular, disse que pela sua parte não poderia contribuir por já ter subscripto por varias vezes, e com sommas não pequenas, para os asylos das creanças abandonadas. Passou nesta occasião um cavalheiro, que fallou ao sr. José Estevão, pronunciando o seu nome, o logista ordenou immediatamente a um dos seus caixeiros que pozesse á disposição de s. ex.ª todos os objectos mencionados na relação, e contribuiu elle só com uma grande porção de fazenda, que estava para ser dada repartidamente por muitos commerciantes. Sinto não saber o nome do logista, para o registrar aqui, só o poderia saber da bocca do sr. José Estevão, porem s. ex.ª está em Cascaes.

A camara municipal de Lisboa sobre proposta do sr. vereador Severo de Carvalho deliberou mandar fornecer gratuitamente uma pipa de agua todos os dias ao asylo de S. João.

— O citado pintor Rodrigues tambem está tirando o retrato ao sr. Nicoláu Anastacio de Bettencourt, que foi ultimamente governador civil desse districto. O retrato foi mandado tirar pela direcção da *Caixa Economica Aveirense*, cuja instituição se deve áquelle distincto magistrado. A direcção aproveitando a estada de s. ex.ª nesta cidade, e querendo dar-lhe um solemne testemunho do apreço em que tem os relevantes serviços que ahi prestou em differentes epocas, entre os quaes avulta a creação da *Caixa Economica Aveirense*, encommendou o quadro ao mais habil retratista, afim de ser inaugurado na sala de suas sessões. Um antigo amigo daquelle funccionario, foi o encarregado de communicar a s. ex.ª os desejos da direcção; o sr. Bettencourt disse: — *O dia 31 de julho de 1862, em que recebo esta nova demonstração de verdadeira simpathia, que os Aveirenses em consagram, será para mim o dia da minha gloria e satisfação, principalmente pela coincidencia que se dá em ser o anniversario do juramento da Carta constitucional da nação portugueza.*

— Recebi uma carta de Badajoz, na qual se me participa que se esperava hontem ali uma força hespanhola militar de seis mil homens, para serem distribuidos por Olivença, Albuquerque e Badajoz, ficando em observações nestas trez praças. Não posso descobrir o motivo que determinou esta pompa militar; porém se é resultado dos medos que os nossos visinhos experimentam por motivo do enlace do senhor D. Luiz, a coisa é para a gente se rir.

— Falla-se em se construir uma doka ou abrigo no Tejo, ao pé do embarcadoiro da Alfandega Grande de Lisboa; oxalá que a obra se realise, porque é de grande utilidade não só para o commercio, como para as embarcações pequenas, que muito necessitam de um abrigo.

— Os fabricantes de sêda nesta cidade queriam (e não sei se ainda querem) fazer uma representação contra a camara municipal de Lisboa, para o que não teem motivo algum.

Foi o caso. A camara precisa de mil e quatrocentos metros de nobreza carmezim para forrar todo o pavilhão que se está levantando no Terreiro do Paço para receber a nossa futura rainha. Os fabricantes de Lisboa pediram 1:600 rs. por cada metro de sêda com trez palmos de largura, e não se podia confiar em que elles a fabricassem em praso marcado. A camara perguntou para Inglaterra por quanto aprontariam aquella fazenda, e responderam que da melhor a 1:000 rs. o metro, com quatro palmos de largo: ora a camara não hesitou um momento; encommendou a sêda a um fabricante inglez que lhe dá uma economia talvez de novecentos mil reis, em relação ás condições propostas pelos fabricantes portuguezes. A camara tambem incommendou para Inglaterra todos os tapetes de primeira qualidade, com que hade ser alcatifado o pavilhão.

— Hontem ás nove horas da noite houve um grande incendio em Lisboa. As chammas coloriam as nuvens de um modo tal, que as pessoas que andavam no passeio publico, julgavam a principio que fosse algum phenomeno notavel de athmosphera, e diziam com o cantor das nossas glorias.

Digam agora os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura.

Pouco depois as torres de signal tocavam a rebate, dizendo que o phenomeno era cá de baixo. O incendio manifestara-se com extraordinaria intensidade no terceiro andar do predio ao pé do arco grande de S. Paulo, pertencente ao sr. Sabino José de Sousa. As chammas devoraram os dois ultimos andares do predio, damnificaram muito o segundo andar, e consummiram as agoas furtadas do predio contiguo. A' promptidão dos soccorros se deve o não haver hoje muitas desgraças a lamentar. Nas ruas contiguas ao logar do sinistro estavam milhares de pessoas.

— O distincto escriptor, o sr. Joaquim da Costa Cascaes, que por determinação do governo está escrevendo a historia da guerra peninsular, propoz que no Bussaco se levante um monumento commemorativo das glorias que alcançamos naquella guerra. Foi no Bussaco, que se deu a primeira batalha, na qual o nosso exercito rivalisou com o exercito inglez.

A batalha foi dada em 27 de setembro de 1810 entre 60:000 veteranos francezes, commandados pelo marechal Massena, denominado o *anjo da victoria*, e o exercito anglo-luso de 50:000 homens, sendo 27:000 portuguezes commandados por lord Wellington.

A proposta é para que do proprio calcario da falda da serra se faça o monumento, cuja primeira pedra será collocada no dia 27 de setembro, anniversario d'aquella batalha. O pedestal deve ser quadrangular, coroado de uma piramide. Duas faces oppostas, ou lisas ou com algum ornato singelo e allusivo, e nas outras duas inscripções commemorativas do facto glorioso, e do dia da creação do monumento. E' um padrão barato.

— Entrou hontem á noute o vapor *Estephania*, vindo de Angola.

— Os portuguezes residentes no Rio de Janeiro projectam reunir-se no dia 13 do corrente no gabinete de leitura portugueza, estabelecido n'aquella côrte, afim de descutirem o modo de levarem a effeito uma subscripção em favor das creanças que ficaram abandonadas, em Portugal, pela sahida das irmãs de caridade.

— Commetteu-se ha duas horas um crime de homicidio na praça da Figueira. O caixeiro de um logar de fructas quiz affastar um homem que estava deitado no sitio, em que aquelle ia armar a sua barraca; o homem zangou-se, e matou o caixeiro á facada.

Já se acha em Turin o sr. visconde da Carreira, encarregado por S. M. El Rei o senhor D. Luiz de pedir officialmente a mão da princeza de Saboya.

Trabalha-se activamente em Lisboa nos preparativos para os festejos do consorcio real. O plano para esses festejos apresentados á camara municipal pelo seu engenheiro, o sr. Tezarat, teve de ser modificado em muitos pontos, porque a sua completa execução exigia enormes despezas, que se tornariam assás pesadas para o nosso municipio. Só o pavilhão chinez que o distincto engenheiro riscára para ser collocado sobre o pedestal da praça de D. Pedro foi orçado n'uns dez contos de réis. No logar do pavilhão haverá um immenso globo transparente, illuminado pelo interior, e cercado de grandes jarras de flores, tambem transparentes.

Já está em começo o pavilhão do Terreiro do Paço ao pé do Caes das Columnas, pavilhão que deve ser sumptuoso. Aos dois lados d'estes levantam-se dois grandes palanques destinados para os convidados, camara dos pares e deputados, titulares, e corpo diplomatico. Os intervallos das janellas da praça serão ornados com as armas das nossas principaes cidades e villas, intercaladas com as armas portuguezas e italianas. Nas embocaduras das ruas haverá arcos vistosos, e sobre o arco triumphal na rua Augusta levantar-se-ha uma grande cupula com estatuas. A praça será adornada com tropheus, grinaldas de flores, e bandeiras nacionaes e italianas.

Parece que as musicas de todos os corpos das provincias serão chamadas a Lisboa para os trez dias festivos. Virão a Lisboa esquadrões de todos os corpos de cavallaria.

A associação commercial d'esta cidade nomeou uma grande commissão para tratar do melhor modo porque o corpo do commercio ha de solemnisar as auspiciosas nupcias do senhor D. Luiz. Varias associações tambem trabalham para o mesmo fim.

A commissão é composta do seguinte modo:

Mesa da assembleia geral — direcção, os srs. Manuel José Machado, Thomaz Maria Bessone, Carlos Ferreira dos Santos Silva, Carlos Kruz, José Ribeiro da Cunha, Manuel Egreja, Augusto Xavier da Silva, João de Brito, Guilherme Candido Borges de Sousa, Frederico Ferreira, Thomaz Creswell, Antonio Joaquim de Oliveira Junior, José de Brito Junior, Adolpho de Lima Maeger, Flamiano José Lopes Ferreira dos Anjos, Rodrigo de Oliveira e Sousa, Antonio da Costa Carvalho, Antonio Augusto Pereira de Miranda, Luiz Tiburcio Ferreira, José Alves de Almeida Araujo, Joaquim Moreira Marques, Alexandre Joaquim de Sequeira Lopes, Antonio Germano de Carvalho Ferreira, José Rodrigues Tarujo dos Santos, e José Silvestre Lopes da Silva.

Já se acha aberta uma subscripção entre os logistas da baixa, a fim de levantarem um arco triumphal em uma das ruas do transito do cortejo nupcial.

O distincto maestro Arthur Reiguar, mestre da banda dos marinheiros militares está compondo uma marcha triumphal dedicada á nossa futura Rainha, e que deve ser executada no dia do casamento.

Das provincias já ha muitos pedidos para aluguer de janellas.

As obras interiores do theatro de D. Maria II já começaram, a fim de que possam estar concluidas para as noites festivas, nas quaes se representará o drama premiado do sr. Mendes Leal, intitulado—*Egas Moniz*—. Emfim tudo mostra que é extraordinario o enthusiasmo pela união do nosso Rei.

—Trabalha-se activamente na repartição do correio geral sobre o contracto postal com a Italia, do qual muito precisavamos. O representante daquelle paiz é o sr. conde de La Minerva.

—As inscripções da junta do credito publico de 3 por cento, tanto de assentamento como de coupons estão a 47 1/2.

—Uma commissão composta dos srs. doutor Beirão, e Lapa, distinctissimos professores do «Instituto Agricola» foi antes de hontem offerecer a SS. MM. os senhores D. Luiz e D. Fernando, dois exemplares ricamente encadernados do relatorio e mappas dos trabalhos feitos naquelle estabelecimento, e enviados á exposição universal de Londres, onde foram premiados. SS. MM. receberam com o maior agrado aquelles dois cavalheiros, dizendo que muito estimavam premiar aquelles trabalhos, de tanto valôr, e tão lisongeiramente apreciados lá fora.

— O sr. marquez de Loulé visitou antes de hontem a escola normal em Marvilla, e as obras da construcção da escola annexa, mostrando-se satisfeito da actividade com que ali se trabalha em tão importante estabelecimento.

— Em Mafra augmenta progressivamente a carestia dos cereaes, causando receios aos habitantes. O trigo está a 670 o alqueire, a cevada a 360, e o milho a 550 réis.

— No asylo da Ajuda festejou-se antes de hontem o anniversario natalicio de S. M. a imperatriz do Brazil. Estiveram presentes as senhoras que compoem a commissão daquelle asylo: Marqueza de Sabugosa, condessas de Villa Real, de Carvalhal, e da Anadia, D. Maria Emilia Saldanha, D. Joanna Pamplona de Sousa, D. Maria da Cunha Menezes, D. Henriqueta da Costa Carvalho Talone, D. Thereza Bessone, e D. Carolina Guedes de Carvalho Menezes.

— Chegou hoje o paquete do Brazil — *Magdalena*.

— Espera-se a todo o momento a corveta *Estephania*, vinda de Angola, porque foi encontrada em S. Vicente por aquelle paquete. A *Estephania* deve trazer importantissimas noticias de Loanda.

— Tem-se dito que o sr. barão de Moreira vae ser nomeado conselheiro do Tribunal de Contas; quasi que lhe posso afiançar, que nem ideas ha de se fazer tal despacho.

— O sr. Camillo Castello Branco está acabando de traduzir os *Martyres* de Chateaubrian, obra que dará a lume em formato grande e com muita pompa typographica. Seu editor o Sr. Antonio Maria Ferreira, da rua Augusta, encommendou para Pariz as chapas de gravura para as estampas que hão de ornar este magnifico livro.

—Está a concurso por espaço de sessenta dias, contados de 31 do mez findo, o logar de director da alfandega de Cacheu, na provincia de Cabo Verde com o ordenado annual de 320$000 rs. afóra os competentes emolumentos.

—Foi nomeado vogal effectivo do Supremo Conselho de Justiça Militar, o sr. tenente general, visconde de Santo Antonio, que era vogal supplente do mesmo tribunal. E para o logar vago de vogal supplente foi nomeado o sr. tenente general barão de Leiria.

— Foi concedida a José Diogo Guerreiro, nos termos do decreto, com força de lei, de 31 de maio de 1852, e respectivo regulamento de 9 de dezembro de 1853, a concessão definitiva da mina de Manganez, situada no serro das Pedorneiras, e Fonte Guerra, freguezia de S. João dos Caldeireiros, concelho de Mertola, districto administrativo de Beja.

Em portaria de 30 do mez findo foram elogiados, por determinação de S. M., o juiz de direito da comarca de Chaves, José Pinto Ferreira Borges, e o respectivo delegado do procurador regio, João Vasco Ferreira Leão, por terem remettido ao ministerio do reino a quantia de réis 163$900 producto da subscripção a favor das creanças recolhidas nos asylos que estiveram a cargo das irmãs de caridade, a qual subscripção foi promovida entre as auctoridades e funccionarios judiciaes, advogados e procuradores da mesma villa e comarca, empregados que igualmente foram elogiados na mesma portaria.

— Vae ser posto a concurso por espaço de trinta dias o logar de continuo da secretaria da procuradoria geral da corôa, creado pela carta de lei de 9 de julho do corrente anno.

—Foram approvados os estatutos pelos quaes pretende reger-se a Associação União dos sapateiros e mais artistas portuenses, na parte que se propõe ter de sociedade anonyma, commerciando nas ferramentas, materias primas, e productos das artes que lhe são correlativas; e igualmente foram approvados os estatutos porque a mesma associação pretende reger-se na qualidade de monte-pio.

— Foram approvados os estatutos porque pretende reger-se a companhia do caminho de ferro de sueste de Portugal.

— Foi concedida a José Diogo Guerreiro a concessão definitiva da mina de Manganez, sita no Pego Redondo, freguezia de S. João dos Caldeireiros, concelho de Mertola, districto administrativo de Beja.

—Está aberto concurso por espaço de quinze dias, a contar de hoje, perante o conselho de saude publica do reino, o logar de medico substituto da estação de Belem, com o ordenado annual de 400$000 rs.

— Perante o conselho de saude naval do ultramar está aberto o concurso até o dia 30 do corrente para o provimento de um logar de alumno aspirante a facultativo da provincia de S. Thomé e Principe, na conformidade da carta de lei 11 d'agosto de 1860.

— Dizem de Mafra que muitos sacerdotes d'aquella villa se occupam actualmente em excommungar a lagarta destruidora dos campos de milho. Isto de excommunhão está sendo uma monomania bem caricata; não sei porque não excommungam o mal dos vinhas, esses hypocritas.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 28 de julho

Entradas

VILLA DO CONDE, Hiate port. Dois Irmãos, m. M. A. G. Metto, 7 pes. de trip., lastro.

LISBOA, Bateira port. Joven Amelia, m. S. Netto, 7 des. de trip., ferro e madeira.

CHESTER, Patacho inglez. Capreole, cap. F. Murray, 6 pes. de trip., carvão.

Em 29

PORTO, Hiate port. Conceição Feliz, m. F. d'Oliveira, 7 pes. de trip., encommendas.

Em 30

PORTO, Hiate port. Deus Sobretudo, m. J. P. da Velha, 5 pes. de trip., lastro.

S. JAHUS, Brigue inglez, Sumen, cap. H. Cales, 8 pes. de trip., 1 passageiro, bacalhau.

Em 31

PÓVOA, DO VARZIM, Hiate port. Novo Atrevido, m. M. Marques. 7 pes. de trip. lastro.

Sahidas em 1 d'agosto

S. MIGUEL, Hiate port. Aveirense, m. J. Gonçalves, 8 pes. de trip., sal.

PORTO, Hiate pors. Bragança, m. D. da Rocha, 8 pes. de trip., sal.

IDEM, Hiate port. Fenix, m. J. Nunes, 8 pes. de trip., sal.

IDEM, Hiate port. Conceição Feliz. m. F. d'Oliveira, 7 pes. de trip. sal.

IDEM. Brigue inglez, Sumen, cap. H. Cales, 8 pes. de trip., 1 passageiro, bacalhau.

ANNUNCIOS

Pela direcção das obras publicas, do districto d'Aveiro, se faz publico, que se pertende contractar o fornecimento de 350 m. c. de pedra britada ou por britar, postos no largo do desembarcadouro do Boco. As propostas para este fornecimento devem ser dirigidas á direcção até ao dia 10 do proximo mez d'Agosto. Na secretaria em Aveiro dar-se-hão todos os esclarecimentos relativos ao mesmo fornecimento.

Aveiro 22 de julho de 1862.

Silverio Augusto P. da Silva.

Engenheiro Director. (1 A)

RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel*

Typ. do Districto de Aveiro.